

Interações em Ambiente Virtual de Aprendizagem

Interactions in a Virtual Learning Environment

Resumo: O propósito deste artigo é identificar e analisar as formas de interação em ambiente virtual de aprendizagem (chat) entre alunos e professor e entre alunos, mediante ou não à presença do professor. Foram analisados os registros de dois chats de uma disciplina do PPGEDU/PPGIE/UFRGS, realizada em ambiente de suporte para ensino-aprendizagem à distância (TELEDUC – CINTED/UFRGS). Os chats fizeram parte da disciplina Produção em Ambiente Telemático na Visão Ético-Estética em Bakhtin e participavam desta disciplina 17 alunos e um professor. Notamos através dos recortes dos dois chats, que em ambos os chats, com e sem a presença do professor, os alunos interagem entre si, provocando reações uns nos outros, com a finalidade de manterem a comunicação, um diálogo efetivo entre eles e também com o professor. A partir da relação dialógica e a forma de interação do professor com os alunos e destes entre si, ocorreram contribuições para a (re)construção do conhecimento que o grupo trouxe para a discussão da teoria de Bakhtin a partir das diferentes trajetórias percorridas por cada sujeito que fez parte desta construção. As formas de intervenção e provocações do professor possibilitaram ao grupo condições de expressão do pensamento e do nível de compreensão e apropriação da teoria sem medo ou receio de errar, pois as intervenções eram acolhidas com o mesmo cuidado se pertinentes ou não à discussão.

Palavras-chave: Monologismo. Dialogismo. Polifonia. Chat – Ferramenta de aprendizagem. Educação a distância. Ambiente virtual de aprendizagem.

Abstract: The purpose of this article is to identify and examine ways of interaction in a virtual learning environment (chat) among students and between teacher and students, with and without the teacher's presence. We analyzed records of two chats in a course at PPGEDU/PPGIE/UFRGS, held in a distance learning computer supported environment (TelEduc – CINTED/UFRGS). The chats were part of the course Production in a telematic environment in Bakhtin's ethic and aesthetic vision with 17 students and a teacher as participants. We noticed through the two chat scraps that whether in the presence of the teacher or not students interacted with one another causing mutual reactions in order to maintain communication as an effective dialogue. In those dialogic relationships among students themselves and with the teacher, there were contributions to knowledge (re)construction developed in the discussions on Bakhtin's theory which originated in the different paths the participants took throughout this construction. Intervention modes and the teacher's approach on eliciting interaction in the group allowed the participants to improve conditions in their thought expression, and in their theoretical understanding without the fear of making mistakes, as the interventions were acknowledged whether or not relevant to the discussion.

Keywords: Monologism. Dialogism. Polyphony. Chat room – Learning tool. Distance learning. Virtual learning environment.

Luciana Lunkes
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Maribel Susane Selli
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Camila Camargo Prates
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

1 Introdução

A educação a distância é uma realidade já estabelecida, amplamente divulgada, discutida e constantemente modernizada nos atuais ambientes de ensino-aprendizagem. A preocupação com a qualidade dos encontros virtuais e a necessidade de encontros presenciais nessa nova modalidade de ensino são premissas responsáveis pelo seu êxito. A interação entre professores e alunos nos ambientes virtuais de aprendizagem, assim como em aulas presenciais, é freqüentemente questionada, porém, num processo à distância, as formas de interação tendem a explicitar-se, uma vez que há necessidade de escrita e que esta escrita passa a ser um registro.

O propósito deste artigo é identificar e analisar as formas de interação em ambiente virtual de aprendizagem (*chat*) entre alunos e professor e entre alunos, mediante ou não a presença do professor.

Foram analisados os registros de dois *chats* de uma disciplina do PPGEDU/PPGIE/UFRGS, realizada em ambiente de suporte para ensino-aprendizagem à distância (TELEDUC – CINTED/UFRGS). Os *chats* fizeram parte da disciplina *Produção em Ambiente Telemático*

na *Visão Ético-Estética em Bakhtin* e participavam dessa disciplina 17 alunos e um professor.

Para a participação no *chat*, os alunos deveriam realizar uma leitura prévia, determinada pelo professor. Paralelamente a esta participação, deveriam postar uma resenha em seus portfólios individuais, no próprio ambiente do TELEDUC.

Para melhor situar o leitor, faremos, inicialmente, um resgate teórico dos conceitos propostos à luz da teoria de Bakhtin, base do presente artigo. Posteriormente, durante a análise dos registros dos *chats*, esses conceitos serão retomados.

Abordaremos também a questão do *chat* como ambiente de aprendizagem e, por fim, a análise dos registros dos *chats*, destacando a relevância das intervenções e interações dos interlocutores (professor/alunos), bem como o papel do professor como mediador do conhecimento.

Ao concluir o artigo, faremos as considerações finais com base nas análises realizadas e, posteriormente, proporemos algumas questões para continuarmos a discussão do tema sugerido, considerando ser um tema complexo que não se esgota com nossa proposta de trabalho.

2 Os Conceitos

Antes da escrita a transmissão da história e a troca de conhecimento se davam apenas através da linguagem oral. À medida que os mais velhos morriam se não deixassem as contribuições dos conhecimentos que tinham, eles desapareciam juntamente com eles, pois não ficava nenhum outro registro.

Com o surgimento da escrita, tornou-se possível o registro das experiências vivenciadas e a troca de saberes que foram acumuladas de geração a geração.

Através da produção escrita, os sujeitos puderam expressar e divulgar sua visão do mundo, os diferentes aspectos de sua cultura, a expressão de seus sentimentos e vivências. Com essa atitude, foi-nos permitido analisar o conhecimento que cada cultura e cada povo tinham sobre as coisas e sobre o mundo.

O conhecimento, antes calcado e transmitido pela oralidade, agora passa a ser cientificamente elaborado e permite que as teorias

comprovadas sejam aceitas, coexistam ou sejam substituídas por outras. Com isso, quem escreve e quem lê, ou seja, a relação entre autor e leitor se constitui, permitindo que os mesmos sejam parte do mesmo contexto. Ao ler um texto, constituímos com ele uma relação dialógica e, por vezes, por meio dele, transformamos, re-significamos nossa própria experiência.

O dialogismo, na teoria Bakhtiniana, é a possibilidade de se estabelecer um diálogo a partir da interação entre os sujeitos. O dialogismo pode ser entendido como elemento que produz a "[...] natureza interdiscursiva da linguagem [...]" (BRAIT, 1997, p. 98) à medida que possibilita o diálogo permanente, embora este não seja harmonioso ou siga uma determinada simetria, elementos característicos em alguns discursos.

Dependendo da forma como o professor encaminha a aula, seja em ambiente virtual de aprendizagem ou em aulas presenciais, o monologismo pode estar presente na superioridade da voz do professor sobre as vozes dos demais sujeitos do contexto, não havendo assim espaço para discussão de conceitos. Isto tende a excluir a dimensão criadora do discurso e a linguagem acaba assumindo um papel apenas de reprodução do mesmo, contribuindo para a manutenção do discurso predominante. Mas, enquanto no monologismo existe uma só verdade, no dialogismo, embora inclua o discurso monológico, há um discurso que se caracteriza pelo questionamento, pela oposição e pela complementação a essa verdade única e absoluta presente no monologismo. No dialogismo, através da interação dialógica, existe um constante devir, produzindo novos sentidos no discurso.

Já a polifonia é um jogo dramático destas vozes, que permite a reconstrução de sentidos. Em Bakhtin encontramos uma referência à polifonia, ou seja, a existência de várias vozes presentes num determinado espaço dialógico, sendo que todas têm o mesmo valor, não existe preponderância de uma sobre a outra, todos os sujeitos que participam do diálogo possuem as mesmas oportunidades de expressão.

A partir das diferentes intervenções e contribuições que os sujeitos conferem ao discurso que está sendo estabelecido, se constrói a relação dialógica e nessa troca de informações e compreensões acerca do que está sen-

do discutido, se produz o conhecimento.

No *chat* encontramos uma pluralidade de vozes, a possibilidade de várias vozes dialogarem ao mesmo tempo e entre si, atribuindo sentidos aos seus discursos, por meio do registro escrito que vem carregado da história, das construções e do acúmulo de saberes de cada um dos interlocutores. Segundo Bakhtin, as transformações proporcionadas pelos novos meios de comunicação não eliminarão as peculiaridades de cada cultura, pois

[...] no encontro dialógico duas culturas não se fundem nem se mesclam, mas cada uma conserva sua unidade e sua totalidade aberta, mas ambas se enriquecem mutuamente. (BAKHTIN, 1981, p. 7)

Nesse espaço de construção e aprendizagem acontece, através do diálogo estabelecido entre muitas vozes – polifonia –, a construção coletiva do pensamento e produção de novos sentidos atribuídos ao discurso, agora ressignificado pela interação.

A polifonia possibilita democratização da palavra, partilhando interpretações, pois nos espaços de produção escrita, as unidades discursivas – escrita e texto – se completam no processo dialógico.

Nesse processo dialógico é possível a reconstrução do processo educativo através da interação das consciências, ou seja, da expressão das diferentes vozes que se complementam e assumem novos significados a partir do discurso produzido pelo coletivo.

3 O Chat Como Ferramenta de Aprendizagem

O *chat* é um recurso de linguagem utilizado para conversação virtual que possibilita que mais de uma pessoa participe no mesmo espaço de discussão, através da troca de mensagens escritas, por meio de computadores interligados em rede como na *internet*.

Os *chats* realizados no TELEDUC – CINTED/UFRGS (ambiente de suporte para ensino-aprendizagem à distância) permitem a conversação *online*, na qual os participantes do *chat* podem postar suas intervenções sempre que quiserem mediante digitação da

mensagem e, posteriormente, teclando *enter* no teclado ou clicando enviar com o *mouse*. A mensagem pode ser direcionada para todos ou para alguém em específico, porém, não é possível enviar uma mensagem para uma pessoa no reservado como em outros *chats*. Todas as mensagens são abertas, para que todos possam ler.

A forma de comunicação no *chat* faz-se através da produção textual ou linguagem escrita. Para ser melhor compreendido, o interlocutor necessita utilizar expressões que garantam a entonação e o sentido nas suas escritas, possibilitando assim que o discurso não perca sua expressividade e transmita a intenção do interlocutor. Para auxiliar nessa escrita, há recursos para informar se o interlocutor está perguntando, respondendo, concordando, discordando, desculpendo-se, surpreendendo-se ou sorrindo, por exemplo.

Neste *chat* do TELEDUC existe a possibilidade de se consultar conversações anteriores através do registro que fica das sessões realizadas. Assim é possível rever o que foi dito com possibilidade de atribuímos novos sentidos ao diálogo, além dos sentidos produzidos no momento em que estavam sendo postados durante a conversação.

Em Bakhtin podemos entender essa possibilidade de interação como a presença de um terceiro elemento num enunciado, pois possibilita que as pessoas que fizerem a leitura posterior à produção possam interagir com a produção, mesmo não tendo participado presencialmente da mesma.

Num *chat* sempre haverá a presença de quem escreve e de quem lê o que foi escrito, ou seja, escritor e leitor, através da interação dialógica, por meio de registros escritos, construindo conceitos e conhecimentos coletivamente, utilizando o *chat* como espaço ou ferramenta para esta produção.

O terceiro elemento dá ao enunciado a incompletude que o texto sempre traz consigo, pois dá direito de sempre ser compreendido de uma forma que nem o autor nem o destinatário, num primeiro momento compreenderam, percebendo o que não está explícito, o que sempre pode ser entendido a partir do criado. Este elemento caracteriza a possibilidade de sempre existir outras contribuições a serem feitas no texto.

4 Formas de Interação no Ambiente Virtual de Aprendizagem

Sabemos que a configuração das interações que acontecem em sala de aula dar-se-á de acordo com os métodos da prática docente e como este professor explora esta interação, seja em aulas presenciais ou em ambientes virtuais de aprendizagem. Sabemos também que não basta apenas uma metodologia para se trabalhar com seres humanos, com sua diversidade de pensamento e formas de trabalho. Porém, aqui não queremos fazer julgamento de valores, nem questionar se determinada metodologia é adequada ou não. Queremos, sim, mostrar quais foram as interações que ocorreram neste *chat* e que papéis professor e alunos assumiram diante de determinada questão proposta no *chat*.

É na interação entre professor e aluno que uma possível comunicação se constrói e se sustenta. As relações humanas são feitas de afetos e desafetos e isto também acontece em ambientes virtuais de aprendizagem. Não é incomum, por exemplo, que professor e aluno se aproximem por concordarem com determinada questão, ou que aluno e aluno se afastem por discordarem. Esta aproximação ou afastamento dá-se pela dialógica (AXT, 2006) que focaliza os conteúdos discursivos e os sentidos que empregamos a estes discursos em forma de linguagem. Ou seja, os diálogos estão impregnados de sentidos, e responder ou não a alguma questão irá depender da referida questão fazer ou não sentido ao outro, da mesma forma que, ao perguntar, alguém tenta dar sentido a alguma questão que lhe afeta, na tentativa de afetar o outro. Uma proposta que exige uma resposta. E uma resposta que exige outra resposta. Verificando-se aí a incompletude do texto e a possibilidade de sempre poder ser reconstruído e assumir outros sentidos a partir do que provoca em quem o lê e da forma em que este dele se apropria.

A interação com o outro é o que nos obriga a tomar uma posição, uma vez que o outro pro-voca, e-voca ou com-voca (BOFF, 2000) para o diálogo. E, desta forma, temos a responsabilidade de dar uma resposta. Há uma responsabilidade nesta interação com o outro. Mas isto não acontece por acaso: temos uma

necessidade de construção de nós mesmos, transcendente à necessidade de aproximação com as outras pessoas.

Uma vez que os ambientes virtuais de aprendizagem não têm um espaço geográfico concreto que nos possibilite a interação presencial, esta interação ocorre no *ciberespaço*, por isso virtual, e ela torna-se imprescindível neste ambiente, já que a única forma de ser notado seria com opiniões, questionamentos, posicionamentos perante as conversações dos demais participantes. Neste momento, a partir da explicitação de opiniões, questionamentos e posicionamentos, já é possível refletirmos sobre a possibilidade destes interlocutores virtuais serem mais do que apenas leitores e escritores de *chat*. Passam a ser autores de suas escritas, uma vez que criam e produzem neste ambiente virtual de aprendizagem e a partir de suas escritas produzem e possibilitam a produção de sentidos.

Com isso, voltamos aos dois conceitos anteriormente citados: o dialogismo, possibilitando que ocorra a interação entre os participantes deste ambiente virtual de aprendizagem – faz com que os mesmos busquem o outro e que ambas as partes sejam responsivas neste diálogo. E, por outro lado, o monologismo, que é uma forma autoritária de aceitar-se um só discurso – quando a criação e a produção não acontecem e não há interação para o diálogo responsivo.

A qualidade de presença dos alunos e do professor em ambientes virtuais de aprendizagem dá-se por esta interação. Ambos poderão abrir-se para o diálogo ou silenciar-se nos monologismos, uma questão de posicionamento de cada um dos envolvidos. Cabe ao professor incentivar o desejo de saber, mas também ao aluno ter alguma vontade de apropriar-se dele. E isto terá que ocorrer na interação escrita.

A partir do momento em que a ferramenta do ensino é a palavra escrita, seja qual for o papel escolhido pelo professor ou pelos alunos, é a forma discursiva e as relações de poder que irão determinar o caráter do que é dito em um *chat* ou mesmo na fala cotidiana. Não há neutralidade na palavra, muito menos na palavra escrita, mesmo porque sempre que nos expressamos, seja qual for a forma utilizada para tal, esta vem impregnada de intencionalidade e propósito.

5 Análise dos Registros

Como metodologia de análise fizemos uma seleção das falas relevantes que têm mais relação com o presente estudo e com o que gostaríamos de apresentar, ocorridas em dois *chats*: *chat "A"*, *chat* no qual a aula inicia sem a presença do professor e *chat "B"*, no qual o professor (**Ave**) está presente integralmente, ambos ocorridos no ambiente de suporte para ensino-aprendizagem à distância (TELEDUC – CINTED/UFRGS).

Primeiramente analisaremos os *chats* individualmente e posteriormente faremos uma análise geral dos dois *chats*. Para suprimir as frases irrelevantes, utilizamos o seguinte sinal: (...), uma vez que não houve interesse nos outros registros ocorridos no mesmo *chat*. Visando preservar a identidade do professor e dos alunos, os nomes foram alterados por siglas, as quais se encontram no texto destacadas em itálico e negrito. Considerando que o foco da análise está centrado no sentido e não na grafia dos termos e enunciados, os erros de digitação e abreviações foram corrigidos nas transcrições dos *chats*.

Ao analisarmos as conversas do *chat "A"*, verificamos que, mesmo sem a presença do professor, a aluna **Mis** tenta iniciar a conversa com os colegas sobre o texto a ser discutido no presente *chat*, porém somente mais tarde essa conversa tem continuidade através da postagem realizada pela aluna **Aic**. Neste momento de conversa todos falam para todos e o debate acontece como se um único assunto permeasse a todos do grupo. **Mis** tentou estabelecer a relação *eu e todos os outros*, porém posicionou sua dificuldade, seu posicionamento pessoal diante da discussão que estava sendo estabelecida (monologismo). A aluna **Aic** cria uma abertura diferenciada para a discussão, seu posicionamento confere ao *chat* a característica de dialogismo, incitando a própria **Mis** a participar dialogicamente, posicionando-se não só em relação às suas dificuldades. Sabemos que o enunciado de uma conversação depende de algo que foi visto e sabido conjuntamente e que será avaliado por todos (eu e nós).

(...)

(16:14:01) **Mis** fala para **Todos**: e aí pessoal, o

que estão achando do texto? Ainda não consegui fazer a resenha...

(...)

(16:23:10) **Aic** fala para **Todos**: Aliás, nesse capítulo consegui relacionar muitas coisas com aspectos comunicacionais. Ficou mais fácil do que o Prefácio...

(16:24:34) **Rac** fala para **Todos**: também achei mais tranquilo que o prefácio.

(16:25:00) **Mis** fala para **Todos**: também achei mais fácil que o prefácio, mesmo assim ainda estou achando difícil de acompanhar o raciocínio...

(...)

(16:26:19) **Rac** fala para **Todos**: procuro associar as leituras com o dia-a-dia. às vezes me confundo.

(...)

(16:27:02) **Aic** fala para **Todos**: Para essa semana eu li até a página 284, e vocês?

(16:27:48) **Mis** fala para **Todos**: achei interessante essa distinção que ele faz entre gêneros discursivos primários e secundários...

(16:29:54) **Mis** fala para **Todos**: e essa relação entre a linguagem e a ideologia que pode ser visualizada principalmente nos gêneros secundários

(...)

Ainda sem a presença do professor, a aluna **Lap** toma a atitude de instigar, lançar reflexões e questionar os colegas, fazendo com que dissessem o que pensavam e o que haviam entendido por *gêneros secundários*. A aluna toma a posição de mediadora das conversas que estão sendo realizadas no *chat*. Através de seus enunciados, os alunos convocam uns aos outros à réplica, a um novo diálogo.

Lap, com o auxílio do questionamento de **Rac**, criou condições para a realização de uma interação social, com seus três participantes: o falante, o ouvinte e o tópico do discurso.

(...)

(16:37:56) **Rac** fala para **Todos**: os gêneros secundários correspondem a: arte, meios científicos e sociopolíticos, correto?

(...)

(16:40:44) **Lap** fala para **Rac**: Oi **Rac**. Entendi que sim... os gêneros secundários, normalmente escritos, são mais elaborados, mais complexos que os gêneros primários, como a fala cotidiana, por exemplo... agora pensei: a palestra seria um gênero primário ou secundário? Que achas?

(...)

(16:42:10) **Mis** fala para **Lap**: oi **Lap**, me metendo na pergunta que fizeste para o **Rac**, penso que a palestra é um gênero secundário, porque geralmente é elaborada com base em um discurso científico, o que acham?

(16:42:36) **Tel** fala para **Todos**: já palestra, não sei é mais informal

(...)

(16:43:12) **Lap** fala para **Tel**: que tipo de discurso é secundário?

(...)

A partir de um determinado momento no *chat*, os alunos começam a direcionar mensagens para a colega **Lap**, que através da atitude coopera e encontra sentido no discurso do outro, dando significado aos enunciados realizados pelos colegas.

Lap age às vezes como falante, às vezes como ouvinte, tudo em torno de um tópico, no caso, enunciado, criando-se assim um discurso. Ela dá liberdade aos colegas para manifestarem suas opiniões e aceita-as ou não com muito respeito (ética).

(...)

(16:44:01) **Mis** fala para **Lap**: por enunciado entendendo que é todo e qualquer discurso falado ou escrito, digo isso com base na nota da página 261.

(16:44:33) **Lap** fala para **Mis**: Sim **Mis**! Tenho a mesma opinião! Pois, ainda que Bakhtin diga que os gêneros secundários são normalmente escritos, a palestra pode ser um exemplo desse gênero, creio eu, pois envolve um período de elaboração, sistematização, e até mesmo de escrita, não?

(16:45:01) **Aic** fala para **Lap**: Acho o mesmo que o enunciado

(...)

(16:45:05) **Tel** fala para **Todos**: e a palestra, pergunta da **Lap**, seria primário ou secundário?

(16:45:05) **Rac** fala para **Lap**: pois normalmente

a palestra segue uma proposta a ser apresentada

(16:45:20) **Mis** fala para **Lap**: sim, acho que é por aí **Lap**

(16:45:56) **Aic** fala para **Lap**: Mas normalmente não são sempre...rsrsrs...acho que tu estás certa, **Lap**

(16:46:27) **Rac** fala para **Lap**: seriam dados concretos, relacionados de diferentes formas. Agora um bate papo, acredito que possa ser primário, por exemplo.

(...)

Embora o professor tenha chegado, os colegas continuam direcionando suas mensagens para **Todos** e para **Lap**. A aluna **Mis** comenta que somente a partir daquele momento eles têm professor, o que demonstra que alguns alunos ainda centralizam suas aprendizagens na figura do professor. Porém, mesmo estando ali, o professor tenta iniciar a aula, lançando questões, sendo que ninguém as responde. Como alternativa, entra no diálogo através do enunciado de uma aluna.

Neste momento, o professor assume também o papel de personagem e tenta, sutilmente, mediar o diálogo. Surgem aqui expressões que dão ao diálogo expressividade estética (risos).

(...)

(17:13:22) **Mis** fala para **Todos**: oba, agora temos um professor hehe

(17:13:28) **Rac** fala para **Todos**: Entendi, que os chamados gêneros primários são aqueles que emanam das situações de comunicação verbal espontâneas, não elaboradas.

(17:13:41) **Ave** fala para **Todos**: Bom, não sei nem por onde começar

(17:14:04) **Ave** fala para **Todos**: começemos pelos gêneros primários e secundários então

(17:14:18) **Irc** fala para **Ave**: calma profe, começa pelo início da conversa....heheheh

(17:14:18) **Rac** fala para **Lap**: por isso acho que o chat é primário.

(17:14:39) **Soj** fala para **Todos**: com certeza ele estava à frente do seu tempo e era considerado meio polêmico principalmente para os escritores

da época

(17:14:47) **Ave** fala para **Todos**: Ok. Estou me sentindo um tanto culpado, vai ver que é isso

(17:14:52) **Alc** fala para **Mac**: Com certeza, **Mac**. De certa forma, também faço isso.

(17:14:59) **Ian** fala para **Todos**: **Alc**... frase é um enunciado com ou sem verbo (um ou mais). Oração é uma frase que, necessariamente, tem um, e apenas um, verbo.

(17:15:00) **Ave** fala para **Todos**: e qual seria o início da conversa para Bakhtin?

(17:15:38) **Dna** fala para **Todos**: Seguindo. O elemento extralingüístico poderia ser entendido como aquilo que podemos conhecer por meio de nossos sentidos (objetos, construção mental e unidade de pensamento). A palavra grega *aísthesis* significa sensação. Posteriormente traduzida por *estética*.

(17:15:38) **Rac** fala para **Lap**: pois estamos trazendo nossas reflexões as leituras.

(17:15:42) **Irc** fala para **Todos**: mas se estamos falando de algo científico, discutindo obras literárias e algo do tipo, porque o chat não pode ser considerado secundário????

(17:15:43) **Lap** fala para **Todos**: é a alternância das falas dos sujeitos que determina os limites do enunciado, num diálogo cotidiano, por exemplo... não definimos o enunciado a partir de uma frase... mas sim pela alternância das falas... um enunciado pode ser composto de muitas frases...o que acham?

(17:16:03) **Ave** fala para **Todos**: belíssima questão, **Irc**

(...)

(17:16:27) **Ave** fala para **Todos**: belíssima questão, **Irc**

(17:16:53) **Irc** fala para **Ave**: senti a ironia, mas tudo bem....

(17:17:20) **Ave** fala para **Todos**: que ironia?

(...)

(17:17:57) **Irc** fala para **Ave**: da belíssima questão !!! hehehehe

(...)

(17:19:06) **Rac** fala para **Todos**: acredito que por haver a liberdade de compreensão e expressão, o chat se torna primário, e após um levanta-

tamento das informações deste chat, ele pode se tornar secundário.

(17:19:20) **Ave** fala para **Todos**: o chat, este que estamos fazendo agora, congrega em si elementos dos gêneros do discurso primário (tendencialmente mais ligados à oralidade) e elementos dos gêneros do discurso secundários (tendencialmente mais ligados à escrita). Um chat é o que, afinal. Essa, portanto, é uma belíssima questão, **Irc**...

(...)

Uma das estratégias utilizadas pelo professor é a sua forma de interação com os alunos, direciona as mensagens para *Todos* e, ao iniciar o enunciado, indica o nome do aluno para o qual direciona a mensagem. Desta forma, possibilita que haja interações dos outros alunos com os enunciados por ele postados.

A interação professor/aluno fica clara na forma como a conversa é direcionada entre ambos. O professor expõe o conteúdo, sugere o que o aluno pode ler e lança questões para que ele busque as informações.

O professor buscou na relação *do outro para mim* uma forma de dar prosseguimento ao diálogo que já estava estabelecido. Isto foi possível pelo conhecimento das normas da ética e pela utilização do excedente da visão (professor/alunos).

(...)

(18:20:52) **Ave** fala para **Todos**: A dica de "onde começa a conversa para Bakhtin?" está na página 300...

(18:21:35) **Ian** fala para **Todos**: que a conversa em Bakhtin começa no discurso das consciências presentes em nós, são "os outros" .. rs

(18:22:34) **Ave** fala para **Todos**: **Irc**, outros livros que recomendo são os conceitos-chave I e II de Bakhtin, organizado pela professora Beth Brait...

(...)

(18:24:53) **Dna** fala para **Todos**: Agora eu estou em dúvida? Talvez eu seja um neo-platônico a procura de um ser uno.

(18:26:56) **Ave** fala para **Todos**: "O falante não é um Adão bíblico", logo, o papo, para Bakhtin, nunca inicia com alguém iniciando a falar ou escrever...esse conceito de autoria é importante de ser considerado se estamos falando de Bakhtin

(18:28:10) **Ian** fala para **Todos**: somos um produto de várias consciências/ verdades.... falamos, escrevemos, existimos a partir delas

(18:29:02) **Ave** fala para **Todos**: quer dizer, a partir do momento em que pegamos o "papo" sempre pelo meio (da cultura, da história da humanidade, da língua portuguesa e de outras totalidades abertas) , em que sentido sou autor daquilo que escrevo/falo? Essa é outra belíssima questão...

(...)

Ao analisarmos o chat "B", observamos que os alunos interagem de forma dialógica no decorrer do chat, concordando, expondo seu ponto de vista, convidando os outros à réplica, o que possibilita maior aproveitamento das colaborações dos colegas na construção do conhecimento, através das discussões realizadas no chat.

Neste recorte observamos que o professor retoma algumas questões com a finalidade de verificar o entendimento dos alunos sobre tal tema.

(...)

(16:08:37) **Mis** fala para **Irc**: Entendi que a conversa começa sempre no Outro, que antecede o falante

(16:09:17) **Ian** fala para **Todos**: concordo com a **Mis**

(...)

(16:11:23) **Ave** fala para **Todos**: alguém conseguiu distinguir estilo de gênero para Bakhtin? Poderíamos tentar esmiuçar essa questão

(16:11:35) **Guar** fala para **Todos**: Entendi que, assim como não há um Adão bíblico que nomeia inicialmente tudo o que existe, não há também um primeiro falante - todo enunciado pressupondo, em sua gênese, enunciados anteriores que, como a língua, nos são dados (viajei muito ou é por aí, **Ave** ?)

(...)

(16:13:31) **Mis** fala para **Todos**: diferença entre estilo e gênero... vamos ver...

(16:14:16) **Dna** fala para **Todos**: Retomando fala do **Ave** no último fórum. "O falante não é um Adão bíblico", logo, o papo, para Bakhtin, nunca inicia com alguém iniciando a falar ou escrever... esse conceito de autoria é importante de ser considerado se estamos falando de Bakhtin

(16:14:52) **Dna** fala para **Todos**: A questão é quem é o autor?

(16:15:45) **Gua** fala para **Ave**: Boa pergunta: desconfio que gêneros tem mais a ver com formatos de discurso inerentes a campos comunicacionais, enquanto estilos se referem mais às diferenças individuais no exercício da comunicação discursiva nos diversos gêneros.

(16:15:53) **Ave** fala para **Todos**: sim, é um pouco por aí, **Gua**, essa é uma noção interessante para Bakhtin... o início do meu discurso, e até mesmo a minha autoria, estão sempre na dependência do outro, mas de um outro que é um pouco mais amplo do que o outro falante, mas engloba a própria cultura. Dessa forma, mesmo a mais simples comunicação interpessoal é um fenômeno, antes de tudo, cultural. Assim como uma obra em vários tomos, como "A comédia humana", de Balzac, é também enunciado, pois também é uma obra posta num circuito de comunicação primordialmente cultural

(...)

O professor lança o convite para o diálogo, instigando-os a participar através de questionamentos e reflexões. Muitas vezes o convite vem em forma de convocação à réplica, através de provocações, nas quais cada um se identifica, contribui, concorda, discorda, e desta forma vão produzindo, re-elaborando significados gerados a partir de múltiplas vozes.

Notamos também que o aluno, ao encontrar sentido no discurso do outro, acaba encaixando-se mais a participar do diálogo.

Observa-se que os alunos direcionam suas respostas ao professor, e este continua direcionando suas mensagens para **Todos**, convidando a todos a participarem do diálogo.

(...)

(16:29:18) **Ave** fala para **Todos**: estamos aqui, conversando neste chat e nossas falas vão sendo gravadas desordenadamente, "perdendo a seqüência". Será que nas aulas presenciais "seqüenciadas" as coisas não ocorrem mais ou menos da mesma maneira... fico pensando na atuação do professor como um seqüenciador do discurso pedagógico. Alguém embarca nesta discussão?

(...)

(16:30:38) **Mis** fala para **Ave**: Sim, acho que o bom professor faz esse papel de seqüenciador, mas sempre tem algo que "escapa" a ele que são justamente as conversas "paralelas"

(...)

(16:31:52) **Irc** fala para **Ave**: **Ave**, acredito ser o caos que a professora **Ete** falou no primeiro dia de aula, não tem como o professor controlar os debates e discussões dos alunos

(16:32:45) **Ait** fala para **Todos**: me pergunto até que ponto é bom ou ruim a atuação do professor como um seqüenciador do discursos pedagógicos, uma vez que, no meu entendimento, ele cumpre sim esse papel!

(16:32:48) **Gua** fala para **Ave**: Que golpe baixo, **Ave** ! - uma provocação dessas justo quando junto meus pertences para abandonar a sala - se me paro a falar sobre a interdependência de enunciativa entre obras musicais de todas as épocas e sua importância seminal para a inteligibilidade do discurso musical. Um comentário como o teu só poderia ter vindo de um (bom) músico.

(16:32:52) **Ave** fala para **Todos**: boa **Irc**... quem trabalha de moderador de fórum sofre com essa circunstâncias... como rastrear efetivamente o que se posta nos AVAs?

(16:33:54) **Ave** fala para **Todos**: desculpe pelo "golpe baixo" **Gua**... conversamos na seqüência sobre o tema

(16:34:12) **Leb** fala para **Ave**: Eu vejo o professor, nesse caso, presencial, como um "sistemizador" das discussões levando o grupo a avançar.

(16:36:27) **Dna** fala para **Ave**: **Ave** imagine uma sala de aula onde os alunos saem constantemente ou conversam em paralelo com os colegas. Geralmente, isso acarreta uma grande dispersão. Por mais que desejamos manter um foco, nossa atenção é desviada. Perdemos o fio da meada. Acho que Bakhtin ficaria arrepiado. Podemos apenas traçar uma analogia com seu pensamento, mas os enunciados precisam ser plenos para gerar significação.

(...)

Os alunos sentem-se à vontade para discutir sobre o tema abordado, sendo necessário que este tenha sentido para o leitor, para que o aluno possa interagir, criticar e apresentar suas idéias, relacionando-as com a teoria, entre teorias e/ou prática, tornando o discurso potencialmente significativo para todos.

(...)

(16:47:14) **Dna** fala para **Todos**: Acredito que um ambiente em realidade virtual com possibilidade de fala e não necessariamente escrita pode contribuir bastante para organização do caos. Os

participantes teriam a vez de falar e ouvir. Ainda não sou multitarefa.

(...)

(16:49:45) **Gua** fala para **Dna**: Importante colocação, **Dna**! Da qual discordo, supondo que Bakhtin ficaria arrepiado, sim, só que de prazer, ante o descontrole sobre o fluxo das conversações paralelas - as quais considero ideais para qualquer produção criativa. Já ouviram falar de teoria de grupos, redes neurais auto-reguláveis (um ramo da inteligência artificial) e o escambo? Parece que o cientista romantizado no filme Uma Mente Brilhante ganhou um Nobel por algo assim (mais sobre ele na seção de matemática de O Pensador Selvagem (desculpem-me o "comercial"...)

(...)

Em um *chat* várias conversas paralelas acabam ocorrendo, porém podemos observar que tanto o professor quanto os alunos estão atentos aos movimentos das discussões e sentem-se motivados e seguros para interagir no discurso do(s) outro(s).

(...)

(17:26:09) **Mac** fala para **Ait**: Essa é minha grande questão: Se tudo é repetição, onde se dá a autoria???

(...)

(17:26:49) **Ave** fala para **Todos**: Belíssima questão **Mac**...

(...)

(17:30:05) **Ait** fala para **Tel**: **Mac** e **Tel**! Também me pergunto, pois se tudo é repetição não há espaço para inventar e reinventar, apenas reposicionar, mas de fato sem criação.

(...)

(17:31:09) **Ian** fala para **Ait**: acho que concordo.... "reposicionar" é a palavra mais adequada..

(...)

(18:24:02) **Ait** fala para **Soj**: Concordo com tua colocação **Soj**! Não te parece que no virtual o aluno possui maior autonomia?

(...)

(18:26:39) **Soj** fala para **Ait**: Sim **Ait**, principalmente aquele aluno que presencialmente é

timido no virtual pode ser um que tenha uma participação maior por não estar com as pessoas a sua volta.

(...)

*(18:30:25) **Leb** fala para **Soj**: **Soj**, em relação à "timidez" do aluno ou a coragem dele interagir no grupo penso que também é uma questão a ser garantida pela segurança que o educador passa aos seus alunos ajudando-lhes a construir sua autonomia.*

(...)

*(18:30:58) **Lap** fala para **Ait**: **Oi Ait!** Interferindo na tua questão para o **Soj**... acho que quando somos alunos de EAD necessitamos ler e escrever mais que em certas aulas presenciais, pra acompanhar o registro das interações... isso requer um esforço de nossa parte, senão perdemos a interação com o grupo... agora estou pensando como relacionar isso com nosso grau de autonomia no ambiente... não sei se todos os casos é maior...*

*(18:31:09) **Gam** fala para **Todos**: Estamos falando um monte sobre a nossa vivência nesta disciplina, o lugar da palavra, do professor, a produção de sentidos. Seria esta atividade, que produz enunciados, e gêneros do discurso?*

(...)

O recorte abaixo nos mostra a preocupação da aluna, em verificar se conseguiu, através da sua escrita, transmitir a sua idéia. Cada indivíduo possui um nível de entendimento, e a interpretação é algo individual e assim deve ser respeitada.

(...)

*(17:36:29) **Mac** fala para **Leb**: Então, vou te dar um exemplo do que me deixa em dúvida sobre a autoria: Quando estou escrevendo um trabalho, muitas vezes tenho uma idéia e quando a escrevo alguém diz: "Mas o fulano já escreveu isso! Procura o livro tal e cita o cara!", aí eu tenho que ir atrás de um autor que nunca tinha lido, mas que, como escreveu e publicou, a "minha idéia" que eu pensava ser original, é dele... Não sei se me fiz entender... (risos).*

(...)

Notamos através dos recortes dos dois *chats*, que em ambos os *chats*, com e sem a presença do professor, os alunos interagem entre si, provocando reações uns nos outros, com a finalidade de manterem a comunicação,

um diálogo efetivo entre eles e também com o professor.

Observamos, pela forma de interação dos alunos, que os mesmos não ficavam na posição de meros receptores. Verifica-se uma grande participação de todos, sendo que alguns se destacam e, através de sua interação com os demais, levam o grupo a interagir e a discutir. Isto acontece com frequência e acreditamos ser devido à apropriação do conhecimento do aluno sobre o tema e à possibilidade e liberdade de interação que o professor propicia.

O professor pouco usa a estratégia de pergunta e resposta, utilizando estratégias mais dialógicas, possibilitando o aproveitamento das colaborações dos alunos na construção do conhecimento e possibilitando ao aluno mais autonomia e responsabilidade.

Nos *chats* analisados ocorreram mudanças de posicionamentos, ora sendo o professor ativo, ora passivo diante dos posicionamentos de seus alunos, porém ele nunca deixou de ser *mediador*.

Como mediador o professor busca um caminho para se integrar ao grupo e chegar ao seu objetivo. Verificamos essa atitude quando o professor, ao chegar atrasado, integrar-se, respeitando a discussão e o ritmo do grupo, tentando apenas contribuir com a mesma, não desconsiderando o que já vinha ocorrendo.

Ao assumir a postura de mediador o professor não se coloca de forma autoritária e imponente no grupo fazendo assim com que o conhecimento e o saber não estejam centralizados na sua pessoa como verdade absoluta e sim como elemento que possibilita o grupo a avançar na discussão e na construção e elaboração de conceitos. Com esta postura o professor, mesmo ocupando um lugar de saber não inibe o grupo, pelo contrário o desafia a participar e contribuir com a discussão. Esta postura assumida pelo professor pode ser identificada em diferentes momentos da duração do *chat*. Com isso evidencia-se sua postura de mediador na construção do conhecimento e não de mero transmissor da teoria em questão.

Dessa forma, professor e alunos estão formando os conceitos para si, participando ativamente dessa construção, com direito a escutar, concordar e contestar. Observa-se que essa atitude favorece a compreensão dos alunos, já que se institui, segundo Bakhtin (1990, p.132), como "[...] uma forma de diálogo; ela está para a enunciação assim como uma réplica está

para a outra no diálogo. Compreender é opor à palavra do locutor uma contra palavra [...]”.

O papel do professor mediador na construção do conhecimento é o de aproveitar todas as possibilidades e intervenções dos membros do grupo aproveitando ou utilizando as mesmas para ressignificar a teoria partindo sempre da contribuição de cada um na discussão e elaboração de conceitos.

As intervenções do professor apresentam claramente isso no momento em que utiliza a fala de um aluno para problematizar algo ou levar o grupo a refletir sobre o tema em questão.

Em certos momentos ocorre também sua intervenção, a partir de uma discussão do grupo encaminhando, sutilmente o grupo a deixar a discussão que se encontra em fase de elaboração de conceitos para avançar na mesma aprofundando naturalmente o teor do tema em questão.

Com esta atitude leva o grupo a mudar o foco do que vinha pensando e produzindo sem descaracterizar e desmerecer o nível de discussão estabelecido e sim aproveitando a concentração e dedicação do mesmo para acrescentar informações motivando a compreensão e reflexão sobre novos conceitos e, conseqüentemente levando o grupo a construir novos conhecimentos, vindo estes impregnados de novos sentidos.

Para Bakhtin, o diálogo transpõe a noção de conversa, pois

[...] o diálogo não é entendido meramente no sentido óbvio de conversação entre duas pessoas. [...] O diálogo é concebido de maneira mais compreensiva como o extensivo conjunto de condições que são imediatamente moldadas em qualquer troca real entre duas pessoas, mas não são exauridas em semelhante intercâmbio. (CLARK; HOLQUIST, 2004, p. 36)

Bakhtin entende o diálogo como uma interação entre indivíduos que se influenciam reciprocamente através da linguagem, partindo do pressuposto de que é na relação com o outro que eu me componho enquanto ser histórico e social.

6 Considerações Finais

A partir da relação dialógica e a forma de interação do professor com os alunos e destes entre si, ocorreram contribuições para a

(re)construção do conhecimento que o grupo trouxe para a discussão da teoria de Bakhtin, a partir das diferentes trajetórias percorridas por cada sujeito que fez parte desta construção. Toda a manifestação produzida pelos interlocutores, nos encontros, era habilmente acolhida pelo professor e transformada em motivação para um convite ao diálogo.

O convite ao diálogo através de questionamentos, reflexões e sutis convocações, foi uma forma importante de obter novas situações de aprendizagem.

A interação proporcionada pelo professor reside em uma relação de ética, na qual o professor estabelece uma relação de responsabilidade para com o aluno, pois força esse a tomar uma decisão, por meio de provocações, evocações e convocações, lançando sempre uma proposta em busca de uma resposta.

As formas de intervenção e provocações do professor possibilitaram ao grupo condições de expressão do pensamento e do nível de compreensão e apropriação da teoria sem medos ou receio de errar. As intervenções eram acolhidas com o mesmo cuidado se pertinentes ou não à discussão, mesmo porque, na maioria das vezes, à medida que a velocidade do *chat* possibilitava isso, quando alguém apresentava algo que estava descontextualizado, a intervenção era utilizada como elemento para problematização junto ao grupo, originando discussões embasadas ou não em vivências pessoais e possibilitando a criação de hipóteses e novas conclusões sobre o comentado. Esse movimento pode ser definido como ressignificação de conceitos. Embora tendo ou não domínio amplo sobre o tema proposto para o debate, a todos os interlocutores foi dada a oportunidade de re(compor), re(estruturar) e, como consequência, alcançar a ressignificação dos conceitos.

A liberdade de expressão permitida pelo professor foi grande incentivo à forma de atuação dos alunos observada nos *chats*. O tema abordado neste artigo não se esgota aqui, porém torna-se um ponto de referência na interação entre professor e alunos e entre alunos em ambientes virtuais de aprendizagem. Surge aqui o desafio de, como educadores, levar essa liberdade de expressão para um ambiente de sala de aula. Será essa uma liberdade de expressão baseada em uma interação com o outro que pro-voca, e-voca ou com-voca para o diálogo?

Referências

- AXT, Margarete. Comunidades Virtuais de Aprendizagem e Interação Dialógica: do corpo, do rosto e do olhar. **Filosofia Unisinos**, São Leopoldo, v. 7, n. 3, p. 256-268, set./dez. 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoievski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1990.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BERNARDES, Alexandra Sexto; VIEIRA, Paula Michelle Teixeira. No Discurso Produzido em Salas de Bate-Papo da Internet: a descoberta de um espaço de produção de linguagem. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO, 24., 2001, Caxambu. **Anais**. Caxambu: ANPED, 2001. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/24/tp.htm#gt10>> Acesso em: 10 jun. 2008
- BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar**: a ética do humano: a compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BRAIT, Beth. Bakhtin e a Natureza Constitutivamente Dialógica da Linguagem. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: dialogismo e construção de sentido. Campinas: UNICAMP, 1997. P. 91-104.
- BRAIT, Beth. As Vozes Bakhtinianas e o Diálogo Inconcluso. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz. **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade**. São Paulo: Edusp, 1999. P. 11-27.
- BRAIT, Beth. **Bakhtin Conceitos-Chave**. São Paulo: Ed. Contexto, 2008.
- CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. **Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

Recebido em julho de 2008

Aceito para publicação em setembro de 2008

Luciana Lunkes

Mestre em Ciências Aplicadas a Atividade Física pela Universidade de Córdoba/Espanha. Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEdu/UFRGS). Professora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
lucianalunkes@gmail.com

Maribel Susane Selli

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEdu/UFRGS). Especialista em Educação Infantil pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).
maribel_selli@yahoo.com.br

Camila Camargo Prates

Graduada de Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista de Iniciação Científica do CNPq.
camila.prates@terra.com.br